

Isabel Cristina Andrade dos Santos

A partir de um determinado momento minha maneira de ser pediatra foi surpreendida por um instrumento valioso, possibilitando uma forma peculiar abordar o paciente: a escuta de alguma coisa que vai um pouco além do sintoma pelo qual a criança me foi trazida. Esse instrumento, apreendido da psicanálise, tornou-se de grande valia principalmente se esse sintoma passava a ser repetitivo.

Comecei a ficar intrigada com a evolução de algumas crianças que, apesar do tratamento clínico adequado, o desenvolvimento neurológico, pondero-estatural dentro da normalidade, a mãe continuava trazendo queixas; ela, a mãe, continuava ansiosa em relação à criança.

Um bebê a partir de dois meses de idade começou apresentar problemas respiratórios de repetição (otites e chiado no peito) e mesmo com tratamento adequado, clinicamente bem, não dormia à noite e a mãe já exausta, telefonava-me várias vezes por semana. Resolvi perguntar à mãe sobre ela mesma: rapidamente pôs-se a falar sobre suas angústias pessoais, do relacionamento com o marido que desde que o bebê nascera estava acabado.

Disse-me que eram muito unidos, o casamento ia muito bem e de repente o marido ficou ausente, desinteressado. Ela não fazia outra coisa, só cuidava do bebê, que chorava muito, não dormia à noite. Lembro-me de ter perguntado a ela se o casal conversava sobre essa questão. Ela não respondeu. Uma semana após ela telefonou-me para agradecer pela "conversa" porque a criança estava dormindo a noite toda, sem choro e que ela e o marido estavam conseguindo conversar...

Enquanto médicos, usamos nossos sentidos como ferramentas de trabalho; cada vez mais podemos contar com recursos diagnósticos sofisticados. Mas, ouvir um pouco além da queixa principal, da história da doença atual, estarmos receptivos, disponíveis, abertos à escuta de um sofrimento que está além de tudo isso é um instrumento com que a psicanálise pode contribuir. Ela nos oferece suporte para o acolhimento desse sofrimento.

Fico pensando na importância da palavra do pediatra como médico de família. Como pediatras temos a oportunidade de acompanhar bem de perto, por um espaço às vezes considerável de tempo, momentos importantes de um recorte da história de vida de uma determinada família; momentos de alegria, momentos de angústia.

Realmente "entramos em suas vidas" e sabemos que somos procurados para "opinar", darmos indicações em situações que nem sempre estão ligadas diretamente ao nosso paciente. Mas a criança, nossa paciente, está presa a esse contexto, está presa às palavras que nomeiam aquele momento.

Penso então no peso de nossa palavra como profissionais que tanto pode ter um efeito "tranquilizador", "ordenador", "curativo" como pode ter o efeito "detonador" e marcar aquele(s) sujeito(s) por quem sabe, quanto tempo...e como pediatras nossa palavra tem "peso especial" por lidarmos com seres humanos no início de suas vidas.

Uma criança já com cinco anos de idade procurou-me para consulta de rotina e a mãe relata que quando a filha nasceu apresentou um quadro respiratório complicado e o médico lhe teria dito que "essa criança não se salvaria". Não é possível saber se foram exatamente essas as palavras ditas pelo médico que a assistia, mas foi essa a mensagem que ficou para a família.

Outra criança, sete anos, aos nove meses de idade, enquanto engatinhava sofreu um quase afogamento e no hospital a mãe foi informada que a criança teria seqüelas neurológicas e uma sentença: talvez não ande ou não fale...

Nas duas situações acima, como poderia ter sido para os pais se não houvesse um veredicto ?

É importante pensarmos na maneira de transmissão de prognósticos desta ou daquela doença, pois, podemos interferir na possibilidade daquela criança fazer um caminho dela. Sem contar que podemos estar enganados ou então cairmos na armadilha de portadores "do saber" e não de "um saber" e com isso anularmos o saber inconsciente dos pais para cuidarem de seu filho.

Para o pediatra as orientações básicas de higiene, horários e tipo de alimentação, específicos

para cada idade, horários de dormir, lazer, fazem parte da puericultura.

Observo também que essas orientações realmente não funcionam se forem dadas como "conselhos" mas, adequando-as à história de cada criança, à maneira de ser ou de "poder" daquela família.

Cada família tem seus mitos, suas crenças, suas doenças e costumamos ouvir (ou também dizer): na nossa família todos têm problema de "estômago", de "coração" ou dos "nervos". E mesmo que reconheçamos o fator hereditário ou genético de determinadas patologias é interessante questionarmos os pais: será que realmente essa criança precisa seguir o caminho igual ao daquele outro parente? Ele é filho de outro pai e outra mãe, nasceu em outros tempos e seguramente o que vocês esperam dele é diferente também.

Há alguns anos a mãe e a avó materna de um menino de três anos de idade procuraram-me preocupadas porque não conseguiam controlar as crises de birra da criança; ninguém mais da família queria ficar com a criança quando a mãe tinha algum compromisso. A avó dizia:

-Temos medo que ele fique louco como um parente que temos, que quando pequeno era assim, não tinha limites...

As crianças correm risco de terem "um destino traçado" quando não são vistas como sujeito que ocupa seu próprio lugar no mundo. Claro, os pais amam seus filhos, não desejariam mal nenhum a eles conscientemente.

Precisamos de várias consultas, principalmente com os pais da criança para podermos retomar desde o início a maneira como esta criança estava sendo vista, ou qual era o lugar que ela estava ocupando naquela família.

Não me parecia que esse lugar era compatível a um menino de três anos pois, era ele quem determinava a "ordem da casa" e esta situação deixava-o cada vez mais agressivo.

Estavam com dificuldades sérias em estabelecer limites: bastava a criança gritar e tinha o que queria; queixava-se de medo e a mãe colocava-o junto dela em sua cama; usava mamadeira várias vezes durante a noite.

A mãe dizia: - Precisamos nos render, senão ele não pára de gritar!

Nesse caso foi interessante colocar para os pais, por exemplo, que cama do casal é para os pais e que o filho precisava ir para a cama dele, querendo ou não. Como a criança estava presente, perguntei-lhe:

Você é um nenê ou um menino grande? Sorrindo respondeu-me que era um menino grande. Então, continuei: - Se você é um menino grande, que tal Ter um lugar para você junto com suas coisas, seus brinquedos, pense nisso.

As crianças sempre nos surpreendem quando permitimos que de uma certa forma assumam "responsabilidade" sobre elas.

Freqüentemente os pais se colocam como "perdidos" para orientarem os filhos, para assumirem a função de pai e mãe. Sentem dificuldade em colocar limites, em mostrar o que pode e o que não pode ser feito em nome do medo de "traumatizar" os filhos.

Observo que isso independe da idade dos pais, da idade da criança, do nível sócio-econômico da família.

É gratificante acompanhar as crianças desde recém nascidas e observar a maneira como evoluem se a elas é dado um direcionamento, um encaminhamento em sua energia constitutiva.

O ser humano se constitui por uma energia totalmente plástica que, na criança, pode tomar qualquer forma possível. O encaminhamento dessa energia é dada pelo adulto (pais ou

responsáveis pela criança). Portanto, é pela palavra dos adultos, pela maneira como transmitem sua experiência, cultura, ética, seus valores enfim, pela sua postura diante da vida que eles possibilitam à criança ordenar essa energia e ser inserida na sociedade.

"Criança não nasce sabendo", nasce com potencial para aprender.

É interessante que os pais acreditem na sua maneira de serem pais; que possam estar abertos a novas experiências, busquem ajuda de profissionais (quando julgarem necessário), mas não abram mão do senso crítico principalmente com os bebês e crianças pequenas, tempo em que o futuro adulto delas está se construindo...

Assim como é preciso apostar na criança, acreditar que ela pode ser capaz de passo a passo ir se instrumentalizando internamente para conquistar a sua autonomia, construir sua vida, vivenciar sua liberdade...